

O CRUZEIRO E AS GAROTAS

Carla Bassanezi*

Leslye Bombonato Ursini**

No Brasil da década de 50, a revista **O Cruzeiro** se destacava como um dos meios de comunicação mais importantes da época.¹ Primeiro lugar entre as revistas no IBOPE durante toda a década, presente nos lares de classe média urbana e lida por toda a família - reproduzindo e construindo valores - **O Cruzeiro** trazia suas versões e propostas sobre a juventude e os significados de gênero de seu tempo.

Nesta revista, a juventude geralmente aparecia em matérias e artigos amenos tais como cobertura de bailes e de festas escolares, crônicas sobre a diversão nas praias, eventos esportivos, concursos de beleza e fotos de modelos (moças sedutoras, mas bem comportadas), atividades de rapazes atléticos (cadetes, estudantes brasileiros e americanos), e entrevistas com garotas bonitas e educadas (geralmente de elite). Reportagens sobre jovens rapazes em atitudes de protesto (contra aumentos nas tarifas de bonde, contra arbitrariedades na Faculdade de Direito etc), apesar de bem raras, também tinham um certo espaço na revista.

A idéia da "juventude-problema", amoral, sujeita a vícios, radicalmente rebelde, assustadora, praticamente não aparecia nas páginas de **O Cruzeiro**. Uma exceção foram as matérias sobre o "caso Aída Curi" (ago.- set. 1958). Antes deste episódio, a expressão "juventude transviada" havia sido usada referindo-se a

* Mestre em História Social pela USP, doutoranda da área de Família e Gênero - UNICAMP.

** Mestranda em Antropologia Social - UNICAMP.

¹ Em seu auge nos anos 50, **O Cruzeiro** chegou a uma tiragem de setecentos mil exemplares incluindo os duzentos e cinquenta mil que iam para outros países como Argentina e Portugal.

cadernos pagu (4) 1995: pp. 243-260.

O cruzeiro e as garotas

meninos pretinhos favelados que desceram do morro para fazer pequenos furtos e ao personagem de James Dean, consagrado pelo cinema. Com a atenção voltada para a história da morte de Aída Curi, o termo "juventude transviada" passou a referir-se a certos tipos de "delinqüência" cometidas por jovens de classe média e alta (e mesmo uma predisposição para tal) propiciada pela *má educação, falta de religiosidade, moral duvidosa e pela convivência com bebidas, drogas e más companhias*. A cobertura d'A *morte trágica da estudante Aída Curi, vítima inocente da sanha criminosa de jovens delinqüentes de Copacabana* (que quiseram violentá-la) não foi completa ou detalhada (esta tarefa cabia aos jornais e aos rádios), mas nos revela alguns aspectos significativos dos valores e práticas da época: - a virgindade como uma garantia de pureza, inexperiência e honra de uma jovem (a ser defendida com a vida se preciso fosse) e prova definitiva de que a moça merecia respeito, consideração e justiça; - a preocupação da Igreja católica e dos setores mais conservadores, incluindo articulistas da revista, em fazer deste caso um baluarte da luta contra os comportamentos considerados rebeldes de certos jovens (*meninos e meninas que bebem cuba-libre, freqüentam o "Snack Bar" em Copacabana, usam blusa vermelha e blue jeans, mentem para os pais, cabulam aula, não pensam no futuro e não têm base moral para construir um lar*). A força de uma história trágica como esta, tomada como exemplo e incorporada ao discurso disciplinar das jovens da época (nas famílias, nas escolas, nas igrejas), permaneceu na memória de muitos contemporâneos até hoje.

Fora isso, nos artigos de **O Cruzeiro**, os jovens eram somente *brotos, brotolândia, juventude colorida*, palavras que exprimiam saúde e confiança no futuro. Algumas *extravagâncias* - como banho de mar de roupa, festas barulhentas, algazarras de *rapazinhos alvoroçados* -, tão criticadas nas revistas femininas da época (**Jornal das Moças**, **Querida** e outras), eram

noticiadas e comentadas com bastante tolerância e bom humor em **O Cruzeiro**.

A juventude (rapazes e moças) também estava presente na seção de cartas e conselhos sob a responsabilidade de Maria Teresa intitulada **Da Mulher para a Mulher**. Em geral, as idéias desta seção seguiam as mesmas linhas das veiculadas pelas revistas femininas contemporâneas.² Pautavam-se pela moral tradicional em que as distinções de gênero delegavam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres. O feminino era definido por características tais como doçura, pureza, resignação, instinto materno, dependência, vocação prioritária para o casamento e os trabalhos domésticos. Ao masculino eram relacionadas características tais como iniciativa, participação no mercado de trabalho, autoridade e poder. O conteúdo dos conselhos dados pela revista era marcado por valores morais que favoreciam as experiências sexuais masculinas enquanto procuravam restringir e controlar a sexualidade feminina classificando os comportamentos em certos e errados, aceitáveis e inadmissíveis e as garotas em "moças de família" e "levianas" (ou "de programa"). As "moças de família", a moral dominante garantia o respeito social e as possibilidades de um casamento nos moldes tradicionais que as "elevava" à condição de "rainha do lar".

Entretanto, uma leitura atenta de **Da Mulher para a Mulher** demonstra que a hegemonia deste modelo (presente na mentalidade social, no discurso jurídico, na mídia, reforçado nas escolas, igrejas e famílias) não se dava sem contradições,³

² Ver BASSANEZI, Carla: *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres; revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*, dissertação de mestrado em História Social. USP, 1992.

³ As contradições são mais evidentes no caso das jovens pois, como os parâmetros de avaliação das moças favorecem o poder masculino, as definições de *certo* e *errado* dependem enormemente de julgamentos externos, da opinião do outro, colocando-as em uma verdadeira corda bamba como traduz "uma leitora de São Paulo: (...) *quando uma mulher sorri [para um homem] é porque é apresentada. Quando o trata com secura, é porque é de gelo. Quando consente que a beije, é leviana. Quando não permite carinhos, vai logo procurar outra. Quando lhe fala de amor, pensa que quer 'pegá-lo'. Quando evita o assunto é 'paraíba'. Quando sai com vários rapazes é*

O cruzeiro e as garotas

conflitos, adaptações e limites. A partir das cartas dos leitores, podemos ter uma idéia das experiências - até certo ponto recorrentes e comuns, até certo ponto únicas e diferenciadas - de pessoas concretas: os jovens da época.⁴

Garotas

Ainda sobre os jovens, **O Cruzeiro** trazia a bem humorada seção **Garotas**, ilustrada por Alceu Penna com textos de A. Ladino (Edgar Alencar) e de Maria Luiza Castelo Branco (a partir de 1957). As "Garotas do Alceu" estiveram presentes na revista de 1938 a 1964 e chegaram a receber textos também de Vão Gôgo (Millôr Fernandes) e Lyto (A. Accioly Netto). Estas personagens fizeram tanto sucesso que passaram a ter vozes na Rádio Tupy.⁵

Nas páginas duplas de cada número de **O Cruzeiro**, as **garotas** esperaram Papai Noel, foram à praia, acompanharam a moda, freqüentaram festas e bailes de carnaval, dançaram, cometeram gafes, paqueraram, namoraram, cozinham,

porque não se dá valor. Quando fica em casa é porque ninguém a quer.(...) Qual é o modo, pelo amor de Deus, de satisfazê-lo?" (08.12.51).

⁴ Por exemplo, encontramos moças que, em suas experiências afetivas, ultrapassam os limites estabelecidos às "moças de família" dando vazões a intimidades com o namorado e até mesmo cedendo (mantendo relações sexuais), outras inconformadas em manter-se puras enquanto os rapazes têm aventuras, rapazes enganados ou abandonados por suas noivas, decepções com casamento ou desvios diante deste destino, gerações em conflito, amores inconseqüentes (que não conduzem potencialmente ao casamento) ou ilícitos, mães-solteiras, dúvidas sobre o comportamento adequado, jovens revoltados. A seção esclarece as dúvidas baseada em certezas aparentemente incontestáveis (*a moral é uma só*), consola e incentiva aqueles que, apesar de tudo, se mantêm dentro dos limites morais ou arrependem-se de suas faltas, critica as transgressões e ameaça com punições sociais, reforça a autoridade dos adultos, fortalece a instituição do matrimônio (união estável, monogâmica que exige da mulher exclusividade sexual e do homem, o sustento da família), reforça a hegemonia do poder masculino ao mesmo tempo em que concede às mulheres alguns espaços de ação através da aceitação de certos poderes femininos, e justifica as diferentes expectativas com relação ao comportamento sexual masculino e feminino com base no argumento aparentemente irrevogável da natureza dos sexos.

⁵ NETTO, Accioly: "Alceu de Paula Penna - um pouco de sua história e das garotas imortais na sua última entrevista a "O Cruzeiro". IN *As garotas do Alceu*. "Alceu Penna - Desenhos Figurinos e Peças Gráficas", Palácio das Artes. Belo Horizonte, de 5 a 24 de julho de 1983.

passaram de carro, praticaram esportes, votaram, leram, fumaram, esperaram e correram atrás do homem dos seus sonhos.

Nos anos 50, as **garotas** foram apreciadas por alguns, consideradas tolice por outros, independentemente de sexo. Como ocorre com muitos personagens de desenhos, elas parecem ter adquirido vida própria. Seus vestidos e penteados foram copiados, suas poses e atitudes chegaram a ser imitadas. Saíram das páginas da revista e foram parar em cadernos "de recordação", corte e costura e economia doméstica de algumas meninas ou nos sonhos e expectativas afetivas de certos rapazes. Assim, pode-se dizer que os desenhos de Alceu Penna propagaram modos e modas.

As cariocas das classes média e alta que, nesta época, acompanhavam (e inventavam) a moda e eram consideradas mais atrevidas e liberadas que as de outras regiões do país - a vida nas praias (*onde o amor é mais livre*), o contato com estrangeiros, os recursos e atividades da metrópole, então capital do país, contribuíam para comportamentos e modos de pensar diferenciados.⁶ Essas garotas cariocas serviram de modelo às **garotas** da revista.

Definidas por seu criador como "figurinhas bonitas, elegantes e ingênuas, mas sutilmente maliciosas" ou "a expressão da vida moderna", como afirmava a propaganda de **O Cruzeiro**, as **garotas** tinham pontos em comum, mas não se enquadravam exatamente nos padrões propostos pelas revistas femininas ou mesmo pelos conselhos de **Da Mulher para Mulher** dirigidos às moças.

As **garotas** - tal como afirmavam os ideais de "boa moça" propagados pelas publicações femininas, ensinados nas escolas, reproduzidos nas famílias, presentes nas expectativas sociais -

⁶ A diferença entre as **garotas** do Rio e as outras é reconhecida pela própria seção *Garotas: as garotas de São Paulo são igualmente belas e graciosas, mas mais sérias e tradicionais*.

O cruzeiro e as garotas

eram "moças de família". Sonhavam com o casamento, preservavam as aparências, eram donzelas e cristãs, respeitavam os mais velhos - mesmo sem gostar muito da idéia - mas valorizavam muito a juventude (especialmente a aparência física e as possibilidades de diversão nessa fase da vida). Como as "moças de família", as **garotas** estudavam, liam romances, não pagavam as contas, morriam de medo de ficar solteiras, gostavam de namorar os rapazes, mas evitavam intimidades físicas que iam além de beijos ou abraços. Elas ousavam um pouco em termos de moda (gostavam de *short*, de *slac*, de maiô, ostentavam rabo-de-cavalo e podiam até fumar).⁷ Despertavam a curiosidade e a admiração masculinas sem cair na vulgaridade ou arriscar-se a perder o respeito dos cavalheiros. Esbanjavam feminilidade, podendo corar ao receber elogios, e eram tão graciosas e alegres que tinham o direito à futilidade, a serem cabecinhas de vento, ainda mais superficiais do que aparentavam.

O humor presente na seção **garotas** coincide muitas vezes com as mensagens implícitas em piadas da época: "em muitas piadas as mulheres são fúteis, escravas da moda, extrema e ridiculamente vaidosas (especialmente com relação à idade) e possuem uma lógica tortuosa ('o eterno feminino') que algumas vezes beira a estupidez. (...) É também característico das mulheres a competitividade e as agressões verbais mútuas especialmente devido à inveja ou disputa pelas atenções masculinas (...) as mulheres são fofoqueiras incorrigíveis ou falam demais (...) as solteiras buscam desesperadamente o casamento [e os homens, 'pescados', tornam-se infelizes com ele] (...) os jovens têm namoros ousados longe da vigilância e da censura paternas. Entretanto, as moças vivem impasses entre o que é 'proibido' pela tradição e o que é tolerado nos novos tempos".⁸

⁷ Modas como chapéus e rabos-de-cavalo eram ridicularizadas nos textos da seção que traduzia pontos de vista masculinos sobre eles.

⁸ BASSANEZI, Carla: *Apêndice: as piadas de Jornal das Moças. op. cit.*

Por outro lado, as **garotas**, por vezes, ignoraram ou escaparam de certos padrões de recato e pudor e brincaram com as expectativas sociais com relação às "moças de família". Podiam tomar a iniciativa da conquista ou do beijo na boca, cometer pequenas infidelidades, optar por roupas mais indecentes, despertar ciúmes em esposas, desprezar os homens maduros (considerados bons partidos pelo mundo adulto, mas velhos pelas moças) preferindo os jovens e animados. Eram capazes de ir a bailes desacompanhadas, de ser vulneráveis às paqueras (capazes de "aderir", de "dar pelota" às cantadas dos rapazes), de sair com vários rapazes ou manter compromisso com dois ou três ao mesmo tempo, de acompanhar os desfiles militares apenas para paquerar os cadetes, de assumir que preferem os rapazes que têm carro, de desprezar as prendas domésticas em favor das diversões, de esquecer os estudos pensando nos namorados. E, mesmo sabendo das restrições sociais e das censuras de outras garotas, elas podiam exagerar no namoro, aderir depressa demais ao rapaz, mudar muito de namorado, ficar de pileque nas festas e ressaca no dia seguinte, ser boazinhas e não negar carinhos aos rapazes, gostar de dez ao mesmo tempo, esquecer do namorado, flertar com o namorado ou o noivo da colega, fingir recato, sugerir excursões a Paquetá, gostar de leituras atrevidas. Em alguns momentos, o texto dúbio fazia pequenas brincadeiras maliciosas: *Quem acaricia as garotas, aos abraços repetidos, aos beijos enfurecidos? - O mar.* Desta forma, as garotas também contribuíram para o alargamento dos limites de gênero e a ampliação da idéia de feminilidade em sua época.

Os truques do "jeitinho feminino" também faziam parte do arsenal das **garotas** que manipulavam com destreza certos poderes femininos (concedidos ou conquistados): apelar para as lágrimas ou à melancolia, fazer com que outro homem as defendam, seduzir com sorrisos e encantos, fingir que é o homem quem controla a situação, ter ataques de nervos, trocar carinhos

O cruzeiro e as garotas

e promessas por presentes e favores, fazer-se de frágil para conseguir ajuda, etc. As **garotas** eram auto-confiantes e praticamente irresistíveis.

Há, entretanto, algumas diferenças entre os textos de autoria de A. Ladino e os de Maria Luiza. O primeiro escrevia em quadras de rimas fáceis criando um diálogo entre as **garotas** das ilustrações e proporcionando ao leitor a sensação de penetrar nas conversas das moças, como diz um verso: *ser uma mosca* para saber o que as **garotas** tanto falam. As **garotas** do tempo de Maria Luiza continuaram com traços delicados, mãozinhas alongadas, cinturas finas e narizes pequenos e afilados adquiriram, porém, uma expressão um pouco mais madura. As garotas de que falava Maria Luiza, em pequenos textos (que descrevem situações ou contam pequenas histórias em vez de versos) eram ainda irreverentes e passaram a ser mais maliciosas. Arquitetavam ardilosos planos de sedução, eram capazes de usar óculos só para parecerem intelectuais e enigmáticas em conferências que pouco ou nada lhes interessavam e sabiam que não valia a pena perder tempo com um homem já comprometido. Embora as **garotas** nunca tenham perdido sua postura empertigada, é possível afirmar que passaram de "malandrinhas" a "ardilosas" já que os textos de A. Ladino e de Maria Luiza expressavam visões um tanto distintas do comportamento imaginado para as **garotas**. Além disso, se as moças da época podiam inspirar-se nas **garotas** da revista para se comportar e se vestir, as **garotas** tinham como referência as moças de seu tempo (tal como eram percebidas por seus criadores). Tanto que, sem perder o ar de juventude, as **garotas** foram "aposentadas" voluntariamente por Alceu Penna em 1964 sob a alegação de que tinham saído de moda, pois não correspondiam mais à realidade das jovens já bem menos ingênuas que as **garotas** de **O Cruzeiro**.

Os documentos (textos e figuras) apresentados a seguir foram reeditados em virtude da dimensão dos originais não ser compatível com as desta revista. Porém, procuramos manter o modelo de diagramação dos originais.

O cruzeiro e as garotas

D E fato, as garôtas
nasceram com o privilégio
da felicidade. Desde que
não queiram êste mundo e o céu
também, as garotas conquistam a
felicidade sem muita luta. A vida
lhes corre suave, perene como um
cadilaque novo numa pista, idem.
Exato que às vêzes também há
derrapagens na felicidade, mas a
vida continua risonha, feliz, quase
côr-de-rosa...

(...)Vocês é que são felizes,
que nas mais volentas crises
da condução pesadona,
há sempre um moço sereno
que apenas com leve aceno
lhes oferece a carona(...)

(...)No cinema ou no passeio,
na buate ou veraneio,
a crise não traz tristeza,
que o dinheiro é secundário,
pois sempre surge um otário
para pagar a despesa(...)

(...)Enquanto os homens coitados
vivem sós, abandonados,
jogados fora, aos milhões,
Vocês podem de verdade,
com a maior facilidade
acumular bonitões...(...)

GARÔTAS VOCÊS

C. Bassanezi e L. B. Ursinni

desenho de Alceu Penna
texto A. Ladino



O Cruzeiro, 11 de dezembro de 1954

é que são felizes!

O cruzeiro e as garotas

desenho de Alceu Penna
texto A. Ladino



SALVE as lindas garôtas paulistanas! Elas merecem uma louvação em regra, pois são garôtas até debaixo d'água, isto é, da garoa. No Brás, no Butantã, na Rua Cons. Crispiniano, no Pacaembu ou no Ipiranga há garôtas em profusão enfeitando a grande metrópole. Bonitas e perigosíssimas, tão perigosas que se o jovem não tomar tento acaba é em Santa Cecília, com música de órgão e calça listrada...

O Cruzeiro, 13 de junho de 1953

Garôtas de S. Paulo

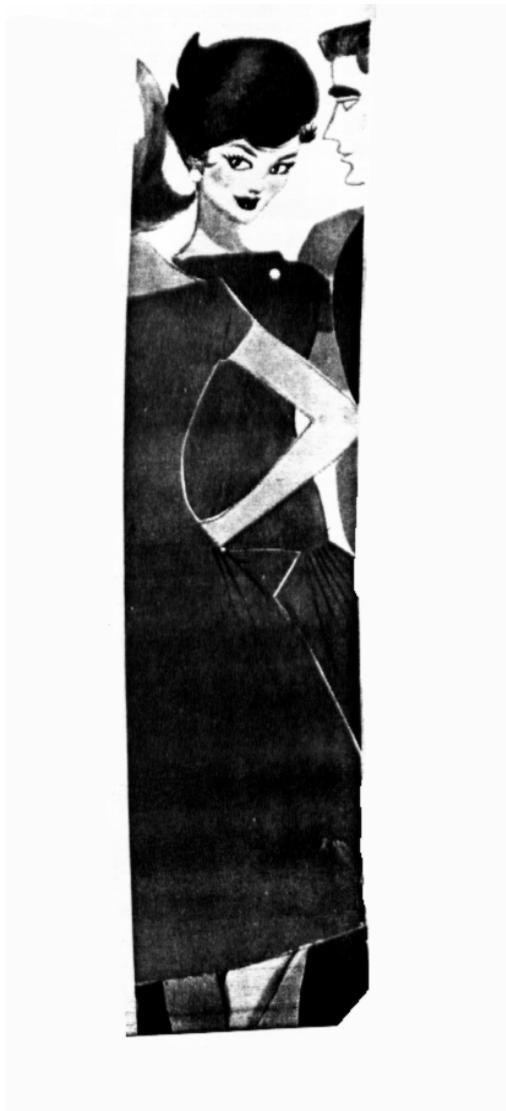
*Garôtas maravilhosas
de São Paulo, terra boa,
vocês são flores e rosas
rorejadas de garoa.*

*A garôta paulistana,
plena de encantos e graças,
geralmente tem a grana
e gosta muito de "massas"...*

*Garôtas não negue a idade,
deixe às velhas tais enganos,
pois você tem de verdade
mais de quatrocentos anos.*

*Mas você, paulista "bem",
que leva vida louçã,
tem graça ternura e tem
venenos de Butantã...*

*Mas mesmo sem ter riqueza,
homem algum será capaz
de resistir à beleza
da paulistinha do Brás.*



GAROTAS

desenho de Alceu
Pena
texto de Maria Luiza

VÃO A UMA FESTA...

Caçador limpa a Winchester antes de se embrenhar na mata, garôta escolhe com o mesmo cuidado o vestido para ir à festa... em que não conhecem ninguém! A maquilagem é feita com os requintes de quem prepara uma armadilha...

E lá se vai a garôta, armada até os dentes e em grande forma, ao encontro do desconhecido!

Garôta sabe - e como sabe! - que uma reunião social é muito mais perigosa do que a floresta amazônica e os animais do asfalto muito mais manhosos.

Garôta sabe - e como sabe! - que o jaguar solto na selva é inofensivo e comparação com o "playboy" ao volante de sua Jaguar" negra.

Foi Gonçalves Dias que ensinou ainda a ela que "a vida é uma luta, que os fracos abate, aos fortes, aos bravos só pode exaltar".

E assim a garôta entra na sala, pisando firme e sabendo que tudo vai dar certo.

Ela só conhece a dona da casa, naturalmente, que, naturalmente, não pode lhe dar muita atenção. Procura, pois, um ponto de apoio: uma outra môça que também esteja sem grupo. O resto vai acontecendo e logo ela terá com quem conversar sôbre a nova moda de maiôs lançada na Itália ou o resultado dos jogos de futebol de domingo.

Cuidado, porém, para não monopolizar cavalheiros desconhecidos!

Uma garôta, que se esqueceu dessa precaução, viu aproximar-se do rapaz, com quem conversava o coquetel todo, uma môça elegante e risonha que o puxou pelo braço, dizendo:

"- Acho que a senhorita não se incomoda de me emprestar um pouco meu noivo para êle me levar em casa, não é?"

**Onde não
conhecem
ninguém**

O Cruzeiro, 13 de
setembro de 1958

O Cruzeiro e as Garotas

A PESAR de sua inteligência privilegiada e de toda sua perspicácia, as garotas cometem as suas gafes que quase sempre as tornam mais deliciosas e interessantes mas que servem sempre para mostrar-lhe que também são vulneráveis. Vulnerabilíssimas e, por isso mesmo, suscetíveis de darem cada baixo!...

*Na festa a Neusa se abrasa
e esquecendo o namorado,
namora o dono da casa
que além dos mais é casado!...*

*Querendo bancar grã-fina
e mostrar seus predicados,
bebe tanto a Rosalina
que confessa seus pecados!...*

*Garotas lindas, faceiras,
sedutoras eiticeiras
que aos homens fazem despacho,
vocês são tão bonitinhas,
vocês são bem espertinhas,
mas dão cada baixo!...*

*Num casamento a Glorinha,
que vai tanto a casamentos,
diz ao beijar a noivinha:
- Receba meus sentimentos!...*

Garotas
*dão cada
baixo!*



desenho de Alceu
Pena
texto de A. Ladino

O Cruzeiro, 1 de novembro de 1952

Invocação das Carotas

- *Viver na costura,
viver no balcão,
prefiro a ternura
de algum bonitão!*

Côro

- *Milagroso Santo Antônio
dai-nos logo matrimônio!*

- *Ai que vida insôssa!
Ai céus, que agonia!
Coitada da moça
que fica titia!*

- *Santinha eu não banque
eu quero o meu lar,
embora num tanque
eu viva a lavar.*

- *Nos bailes como isca,
de noite e de dia,
a gente se arrisca
a ficar titia*



**desenho de Alceu Pena
texto de A. Ladino**

Côro

- *Milagroso Santo Antônio
dai-nos logo matrimônio!*

Conclusão

*E o santo festeiro,
bonzão, milagreiro,
promete atender.
E os pobres coitados
dos homens pescados
é que vão sofrer!*

O Cruzeiro, 14 de junho de 1952